COMUNICAÇÃO ORAL - GT 06 - INFÂNCIA, EDUCAÇÃO INFANTIL E INCLUSÃO

UM JOGO EM XEQUE: CURRÍCULO, SABER, PODER E DOCILIZAÇÃO DA INFÂNCIA

Aline Fernandes Dos Santos (alineef@unochapeco.edu.br)

O presente trabalho problematiza o currículo da Educação Infantil a partir de uma perspectiva foucaultiana, compreendendo-o como um dispositivo de saber-poder implicado na produção de subjetividades e na docilização dos corpos infantis. Utilizando a metáfora do jogo de xadrez como recurso narrativo e analítico, o texto busca discutir como as relações entre Estado, currículo, escola, professoras/es e crianças operam mecanismos de disciplinamento no cotidiano escolar.

A composição do tabuleiro estabelece relações simbólicas entre as peças do jogo e os sujeitos institucionais: o rei e a rainha representam o Estado; a torre, o currículo; os bispos, as escolas; os cavalos, as/os professoras/es; e os peões, as crianças. A partir dessa configuração, evidencia-se que o currículo não se constitui apenas como organização de conteúdos ou planejamento pedagógico, mas como território político atravessado por disputas, regimes de verdade e relações de poder. Nesse sentido, o currículo seleciona saberes, define o que

deve ser aprendido e legitima determinadas formas de conhecimento em detrimento de outras.

Ancorado nos estudos de Michel Foucault e em autores/as do campo curricular, como Tomaz Tadeu da Silva, Veiga-Neto, Popkewitz e Kramer, o estudo analisa o currículo disciplinar enquanto estratégia de governamento da infância. Discute-se como práticas aparentemente naturalizadas filas, rotinas rígidas, controle do tempo, vigilância, classificação e organização espacial operam processos de normalização e produção de corpos dóceis no contexto da Educação Infantil.

A discussão evidencia que o currículo moderno, historicamente vinculado à racionalidade disciplinar, atua como mecanismo de regulação das condutas, produzindo modos específicos de ser criança, aprender e ocupar os espaços escolares. Nesse movimento, a criança frequentemente ocupa uma posição periférica nas decisões pedagógicas, sendo atravessada por discursos e práticas construídos a partir de interesses políticos, sociais e culturais que pouco consideram suas experiências, linguagens e formas próprias de existir.

Ao tensionar essa lógica, o trabalho propõe deslocamentos nas formas de compreender o currículo e a infância. Inspirado nas contribuições de Loris Malaguzzi e na perspectiva da progettazione, defende-se uma organização curricular mais aberta à escuta, à participação e à potência criativa das crianças. Tal movimento implica questionar relações hierárquicas cristalizadas no espaço escolar e reconhecer a criança como sujeito central dos processos educativos. Conclui-se que pensar o currículo exige compreender suas múltiplas camadas de produção, bem como os efeitos de poder presentes nas práticas pedagógicas cotidianas. Mais do que um documento orientador, o currículo constitui-se como uma tecnologia política que produz subjetividades, regula comportamentos e organiza modos de vida. Desse modo, problematizar suas ações na Educação Infantil torna-se fundamental para a construção de práticas menos disciplinadoras e mais comprometidas com a escuta e o protagonismo das crianças.

Palavras-chave: currículo; educação infantil; poder; docilização; infância; foucault.